

ARBITRARIEDADES ORTOGRÁFICAS EM XICHANGANA

SPELLING ARBITRARINESS IN XICHANGANA

Francisco Bernardo Mazivile

Universidade Pedagógica de Maputo – Moçambique

RESUMO

A essência e premissa da ortografia é a normatividade e, isso pressupõe firmeza, rigor e rigidez em face à manipulação. No entanto, sem menoscar esses pressupostos, o presente estudo explora e reflecte a natureza e significados existentes por detrás, por dentro, e para além das dinâmicas linguístico-ortográficas hodiernas da língua xichangana na paisagem tipográfica urbana de Maputo e Matola. Este estudo toma a ortografia como práxis (Sebba, 2007; Honkanen, 2023), vendo-a e analisando-a não como estática, mas em coerção e retroalimentação com os sujeitos que a produzem e a manipulam, transgredindo voluntária ou involuntariamente a normatividade, exteriorizando realidades intrínsecas em jogo entre línguas, cultura, vida económica, cosmovisão, vozes e sentimentos, individuais e colectivos. O estudo propõe *i)* a planificação desenvolvimentista inclusiva, multisectorialmente encadeada; *ii)* a produção de instrumentos legais de implementação gradual de signos bilíngues, trilingues, etc., nos espaços públicos; *iii)* a inclusão dos resultados de estudos de literacias em paisagem tipográfica no currículo educacional para conscientização e orientação desenvolvimentista nacional.

PALAVRAS-CHAVE

Ortografia. Paisagem. Bilíngues. Ensino.

ABSTRACT

The essence and premise of orthography is normativity, a fact which presumes firmness, rigour, and stringency against manipulation. Yet, without downgrading these key assumptions, this study explores and reflects on the nature and meaning lying behind, within and beyond today's linguistic-orthographic dynamics of Xichangana, occurring in the typographic cityscape of Maputo and Matola. Orthography is here regarded as social practice (Sebba, 2007; Honkanen, 2023), accounted for and analysed not as something static, but one in coercion and retroactivity with its producers and manipulators, who transgress normativity either voluntarily or involuntarily, externalising intrinsic realities that exist in the interplay between language, culture, economics, individual or collective worldview, feelings, voices. The study proposes: *i)* inclusive development planning, multisectorally enchained; *ii)* production of legal tools for gradual implementation of signalling in public spaces, one which could be bilingual, trilingual or beyond these typologies; *iii)* inclusion in the educational curriculum, of literacies studies results in typographic landscape, for conscientisation and for national development guidance.

KEYWORDS

Spelling. Landscape. Bilingual. Teaching.

Introdução

De uma ou de outra forma a paisagem linguística se manifesta, nos envolve e nos influencia a todo o momento. No entanto, nem sempre nos damos conta disso, mesmo quando estamos em pleno acto de sua manipulação e interacção com ela. Uma das formas dessa manipulação e interacção é por via da escrita. É neste contexto de escrita ocorrente na paisagem linguístico-semiótica, que o presente artigo aborda arbitrariedades ortográficas praticadas na língua “xichangana”, explorando sua natureza e significado, mesmo em casos de aparentes pichações, encarando a ortografia como práxis em coerção com o contexto sócio-cultural e económico.

O estudo imerge nessa coerção e busca o que pode na quase inesgotável economia das práticas de literacia. A ortografia é concebida não mais como campo rijo, neutro, separado, e apenas de observação, mas como vivência directa. Portanto, o objectivo geral, é embarcar numa sociolinguística ortográfica explorando e analisando a situação do xichangana no contexto multilíngue que caracteriza Moçambique, a partir da consideração das escritas em conjugação com seus produtores na paisagem linguística urbana de Maputo e Matola, bem como apresentar recomendações linguístico-pedagógicas e desenvolvimentistas. Para tal o estudo procura: a) explorar a natureza e significado humano-existencial das práticas de escrita da língua xichangana na paisagem tipográfica urbana; b) perquirir a posição do xichangana, de vantagem ou desvantagem, de resiliência ou não nesse cenário multilíngue; c) extrair ilações desenvolvimentistas e linguístico-pedagógicas.

Como metodologia, este estudo é qualitativo, de cariz exploratório-reflexivo, embarcando na sociolinguística de terreno e na netnografia da palavra escrita (no *WhatsApp*). Pelo que, os dados foram recolhidos com base na documentação directa por via da observação e captação de cenários de interacção interpessoal, e por via da fotografagem de escritas de baralho de xichangana na paisagem linguístico-urbana supramencionada.

O estudo carrega a crença de que estudos de línguas marginalizadas em cenário multilíngue, como é o caso da língua xichangana e de todas as línguas bantu faladas em Moçambique (LBMs), e sobretudo de espaços e contextos de ocorrência de escrita (errónea como não) são hoje mais complexos por terem em jogo factores conjunturais, que incluem o fenómeno da digitalização e globalização, que propiciam uma acelerada desterritorialização e uma liquefação linguístico-ortográfica planetária. Ademais consta a inter-relação da linguagem com factores sócio-culturais, políticos, religiosos, económicos, ambientais, tecnológicos, históricos entre outros, já que sujeitos falantes-ou-escreventes, espaços de linguagem, novas criações linguísticas na fala ou escrita se interactuam dialecticamente, para além de que tecnologias, práxis, vida social, língua e racionalidade são interdependentes.

Jaz importante que se identifique variadas variáveis e factores problemáticos presentemente em jogo na sócio-comunicação para orientar

políticas e estratégias de desenvolvimento e de escolarização linguística em Moçambique de forma consentânea com a cultura hiper-moderna digital, ao lado dos já produzidos e laudáveis contributos sobre a economia das LBM's, ensino bilíngue, contacto linguístico e mais. O artigo enceta apresentando um breve retrato sócio-cartográfico e linguístico-ortográfico do perímetro metropolitano que delinea a paisagem tipográfica em estudo, seguido de conceitos centrais, da natureza práctico-social da ortografia, classificação e reflexão em torno dos dados, encerrando com algumas recomendações.

1. Xichangana na matriz sócio-multilíngue das cidades de Maputo e Matola

As cidades de Maputo e Matola estão passando por uma transformação estrutural multifacetada e acelerada, que desafia e questiona a planificação urbana, registando um crescente êxodo rural e paralela ascendência da aposta em actividades económicas (sobretudo no empreendedorismo do tipo informal e de sobrevivência), numa onda de expansão geo-demográfica com novos bairros que integram pessoas de diversas proveniências, com diluição de valores, entre outras mudanças que vão paralelamente propiciando a liquefação linguístico-cultural.

Existe uma multiplicidade de factores (tanto de cariz local como exógenos e macro-conjunturais, que vão ditando uma precariedade social severa, em muitos casos, e um sobrepovoamento vertiginoso destas cidades, confirmando uma viragem socio-cultural e de contacto linguístico. Alguns desses factores incluem o desemprego, fracas colheitas nas zonas rurais, as pressões da globalização, violências, pressão da ordem capitalista na onda económica neoliberal, do paradigma digital, entre outras forças e eventos (extremos) que desafiam os conceitos de “desenvolvimento local”, “fronteira cultural” e de “língua local”, sobretudo para as minorias etnolinguísticas.

Ladeando isso, consta que mesmo com esses novos bairros a emergirem, a maioria de infraestruturas e serviços públicos, continuam concentrados no centro da cidade de Maputo, a qual em grande medida, ainda porta traços da projecção urbanístico-arquitectónica colonial, o que dita uma exponencial incomensurabilidade entre (municípios) utentes e disponibilidade de serviços públicos básicos. A sócio-comunicação acompanha (e é gerida ordeira e desordenadamente por) este retrato, que porta um vibrante mosaico de comunidades de fala, de interesse e de prática.

A língua xichangana, faz parte das três línguas tsonga (junto com o Xirhonga e Citshwa), que são mutuamente inteligíveis e são faladas, segundo Armindo Ngunga e Osvaldo G. Faquir (2012, p. 225), nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, incluindo o sul das províncias de Manica e Sofala, o meridiano da República do Zimbabwe, bem como em parte da África do Sul e província do Transvaal. Nas duas cidades municipais em apreço neste estudo, esta língua tem encontrado, de qualquer jeito (repleto de arbitrariedades), espaço entre escritos plurilíngues que exabundam na paisagem linguístico-urbana. É falada, como língua materna (L1), por cerca de 1,919.217 habitantes, segundo o Censo Populacional de 2017 (Chambo *et al.*, 2020, p. 40).

A nível oral ela ainda tende a se notabilizar, estampando sua hegemonia perante a concorrência de outras línguas dentre as quais o português, o inglês,

o francês, bem como as LBMs de imigrantes de todas as outras províncias de Moçambique, e sem excluir línguas de imigrantes chineses, burundeses, nigerianos, asiáticos, etc. que às vezes interagem em suas línguas em seus empreendimentos, supermercados, lojas e lojecas existentes em vários recantos das duas cidades aqui focalizadas.

O cenário sócio-economicamente deficitário descrito acima concorre para uma semiotificação reveladora do entrosamento dos problemas multimodais e multi-sectoriais com o comércio informal ramificado em práticas multiformes de actividades predominantemente de baixo rendimento, onde já se torna praxe a improvisação imediatista para sobrevivência.

Verifica-se neste comércio informal, por exemplo, não só o espriamento de produtos de venda sobre os passeios ou mesmo no meio da via pública, nos entroncamentos de caminhos ou qualquer chão nos atalhos labirínticos urbanos e suburbanos abarrotados de gente lá embrenhada, como também se tornam focos (germinais e hegemónicos) de manipulação da fala e da escrita. Tem-se assistido, por conseguinte, uma explosão de publicitação de serviços e produtos multímodos, por todas e todos os envolvidos, com recurso a todas as formas disponíveis de comunicação, com exagerada e incontrolável alternância de código entre o Português de Moçambique (PM), as LBMs, inglês e outras línguas supramencionadas, na oralidade e na escrita.

1.1. Arbitrariedades em xichangana na interacção oral cotidiana

Nessa corrida pela sobrevivência acima elucidada, a versão sócio-comunicacional oral, se serve de todas as estratégias de comunicação nas interacções interpessoais nos aglomerados (mercados, terminais de transporte público, pontos de paragens ao longo da via pública, em *barracas*, lojas, ferragens, lojas cabeleireiras, cruzamentos de vias públicas, entre outros aglomerados), privilegiando-se a interpelação presencial e uso de megafones. Estes (megafones), por exemplo, são de uso notável também por compradores-revendedores (e colaboradores da reciclagem) de ferro velho, de baterias obsoletas, entre outra mercadoria assucutada, inserida e parlapateada na tradicional frase chamativa, assaz empregue em xichangana: *“a tisimbi ni mabatariya ya ku bhola ha xava haleno”*.

Além desta frase, pode-se igualmente notar a alternância de código intra-sentencial e intra-silábica, sugerindo o uso criativo e flexivelmente arbitrário de línguas diferentes na frase que se segue, da revendedeira de laranja, que reclama (supostamente em xichangana) o facto de o fornecedor grossista ter-lhe atribuído uma medida de laranjas que a considera muito exígua, para posterior retalho em sua zona residencial: *“A ni (a)finarile malaranja lawa enquanto ma ni saída a zoneni”*. Mais ainda, e sem qualquer juízo em termos ortográficos, a alternância e mescla de código ocorre na publicidade *“A três wa mabucal i cem”* que, significa: *“Três bucais custam cem meticais”*.

Para além destas ocorrências na interacção oral, o estudo deparou-se com muitas outras (incluindo, por exemplo, relatos radiofónicos futebolísticos em LBMs) em que predominam situações de “translinguismo” em suas variadas especificações e formas de mescla linguística, algumas das quais é a alternância de código, incluindo a miscelânea intra-silábica, por prefixação ou sufixação sob a estrutura e categorias das línguas Bantu, numa aparente bantuização do

português - aparente, pois o contrário é que mais prevalece. O “aportuguesamento das LBMs dita sua gradual dissolução”. A dissolução gradual da língua xichangana ocorre através da aparente *changanização* do vocabulário português. Este paradoxo é evidente nas ocorrências: *mabatariya*, *malaranja*, *enquanto*, *zoneni*.

1.2. A sócio-comunicação na versão escrita: rumo às arbitrariedades ortográficas

Uma das estratégias que prevalecem na socio-comunicação urbana em estudo tem consistido na caça renhida por pontos geo-estratégicos para alocação de escritas de forma mais visível ao público (transeunte) em seus vaivéns infintos nas cidades supracitadas. Apenas algumas, dentre várias escritas, serão foco de estudo mais adiante.

A escrita terá chegado a Moçambique com os colonos portugueses por volta de 1900 (Timbane, 2012, pp. 37-38) com imposição da escrita e instrução em língua portuguesa, adotando o alfabeto latino, sob o modelo colonial assimilacionista. Sua versão não manuscrita (pré-tecnologizada) data da aparição da prensa móvel de metal, inventada por Gutemberg, visando a celeridade da reprodução de texto a baixo custo. O sucessivo *designing* ou cunhagem dos tipos (fontes) de letra foi sendo uma tentativa de reproduzir a caligrafia dos escribas sob os diferentes sistemas de escritas, com notabilidade do sistema latino, sem excluir outros sistemas de escrita (Adams, 1986, pp. 35-36). Seguindo-se a isso, hoje já se presencia a migração e popularização da escrita também na ciber-comunicação.

Na paisagem em estudo, o cenário das interações apresentado acima, tanto na oralidade como na versão escrita, põe à prova a capacidade epistémica e interpretativa-responsiva dos falantes-escreventes moçambicanos, outrora embasados nas línguas bantu (LBMs) e numa cosmovisão, cultura e tradição afro-moçambicanas que eram relativamente estáveis. Assim, começa a notabilizar-se a aceleração da erosão das LBMs, através da crescente escassez de construções discursivas e textuais puras do ponto de vista de fidelidade ao padrão do xichangana, por exemplo.

Enfim, esta situação confirma a irreversibilidade duma era de atrito e fricção heteroglósica, e dum público de falantes e escreventes *prosumistas* (simultaneamente produtores e consumistas), imediatistas (apressados e em competição), pragmáticos, ligados em rede, de sociedade pós-padronizada na qual a preservação das LBMs ecoa como desafio e incógnita ainda sem resposta. Li Wei (2017, p. 26) já elucidou como o “translinguajar” em alta é deveras um conceito que vai se tornando semanticamente uma nova teoria do século XXI e que desafia a questão “que língua está se usando?” como desinteressante e desnecessária.

2. Alguns conceitos grafo-semióticos

Omitindo vários outros, aqui são apresentados alguns conceitos pertinentes ao estudo. “Grafolinguística” (em inglês *Grapholinguistics*) – refere à (sub-)disciplina da linguística que lida com o estudo científico de todos os aspectos da linguagem na modalidade escrita (Neef, 2015, p. 712; Meletis, 2022, p. 3), Wachendorff (2021). É a pesquisa sobre a escrita. Por outro lado,

“ortografia” para Meletis (2020, p. 155) é um termo que vem do grego *ὀρθός* (*orthós*) ‘correcto, verdadeiro, direito, erecto’ – significando por isso, a padronização de um dado código de escrita, ou (Sebba, 2007, p. 10) a escrita correcta de palavras de uma língua segundo as normas ou convenções dessa mesma língua.

Diferentemente da ortografia, a tipografia parte da arte (*design*) da criação das próprias letras (os tipos) para incluir a consideração dos detalhes das letras, até à ordenação das ideias. As letras e as palavras aqui são a prior vistas como signos gráficos (Lopes & Gonçalves, 2008, p. 768); são vistas como imagens que podem ser representadas de uma ou de outra forma numa paisagem.

A paisagem semiótica diferentemente da paisagem simplesmente tipográfica na qual se insere a ortografia (Chernyavskaya, 2022), inclui enfaticamente a conexão entre a língua e outras modalidades discursivas tais como imagens de índole diversa e outros recursos comunicativos não-verbais (Pesch, 2021, p. 365), em função de cada situação. Porém, no contexto deste estudo, na “paisagem semiótica” o signo (Cocq, 2020, p. 18) deve consistir em nomes, texto escrito, abordado tanto isoladamente ou com outros símbolos e imagens/gravuras. Paisagem tipográfica - refere ao “quadro formado pelo subconjunto dos elementos gráficos presentes no ambiente público (Farias, 2016, p. 143)”. Tem um sentido amplo por incluir os caracteres ortográficos e para-ortográficos, numa perspectiva de análise e apreciação estética, ou de estudos tipicamente de *design* tipográfico.

Em adição a estes conceitos, Ana P. Duboc e Olívia B. Fortes (2019) alertam sobre a necessidade de considerar o nexu *offline-online*, uma vez que a escrita e os factos sociais, por serem parte da paisagem geosemiótica, são por conseguinte fruto da co-construção interaccional neste nexu, sendo impossível conceber exclusão mútua sensata.

3. A natureza sócio-cultural da ortografia

O percurso efectuado até aqui já elucida o quão ligada está a ortografia à cultura, e ao quotidiano com seus factos sociais. Foi neste renque, que Sebba (2007, p. 12) inaugurou uma sociolinguística da ortografia contestando que a ortografia não estava sendo dada atenção merecida, no seio do campo da linguística. Para ele não existe possível divórcio entre estas extremidades - entre ortografia e o contexto situacional dos escreventes em pleno discurso e vida cotidiana. A ortografia insere-se na forma escrita da linguagem e faz parte do discurso, e por isso, seria errôneo divorciá-la dos sujeitos escreventes, dos sentimentos e da ideologia destes.

A ideologia se religa à escrita (ortografia) uma vez que ela é em grande medida consciência meta-pragmática articulada de nexu entre a estrutura social e formas de expressão linguísticas (Sebba, 2007; Juffermans *et al.*, 2014, p. 10). Norman Fairclough (2006), em seu tratamento da análise do discurso, se identifica com escolas que recusam tratar a língua nas suas variedades de sistemas, como autônoma e, portanto, desligada do uso (a língua é como é por causa do tipo de funcionamento/uso social); não concorda por exemplo, que se separe o significado do registo ou expressividade, o que seria negar a existência

de compatibilidade entre um conteúdo e seu continente (Fairclough, 2006, p. 26).

Conceitos como intertextualidade, facto linguístico total, entextualidade, gênero, comunidade de fala, indexicalidade, recontextualização, evento comunicativo, entre outros, se forem cautelosamente usados para percorrer o mar semiótico, ligam o poder, a cultura, o discurso com a escrita e outras formas de grafismos e signos. Textos são estâncias da prática cultural (Juffermans *et al.*, 2014, p. 15). Tomando como base o uso que Jan Blommaert (2005), faz do conceito “entertextualidade” traz à luz facetas de palavras desde a sua representação gráfica, passando da consideração ortográfica indo até o seu próprio sentido no uso social do discurso, este que inclui significação semiótica humana em sua ligação com padrões sociais, culturais e históricos (Blommaert, 2005, pp. 3/46).

Nesta linha de concepção, ortografia mexe a rede de esferas humano-existenciais. Alvorço pode gerar-se por simples grafagem errônea do nome de outrem, por exemplo. Uma revisão ortográfica mexe com a intimidade e identidade da comunidade ortográfica alvo. Aliás, Honkanen (2023, pp. 1,6) remata que a ortografia bole com vocabulários íntimos, inscritos no âmago de indivíduos, etnias entre outras formas, singular ou colectivamente, já exteriorizados ou a se exteriorizarem, conjugando sincreticamente o mundo essencial com o mundo vivencial dos escreventes-actores.

Mexe com assuntos de identidade social, nacional, política cultural, de representação e voz, e que pode chegar a ser motivo suficiente e ferramenta sócio-legal para reivindicar desvinculação ou independência linguística ou política. Tal explica casos de impasses, desacordos, insucesso de propostas de sistema de escrita ou sua padronização, apontando a primazia do consenso da comunidade linguística alvo, que decide por conta da chamada “*zone of social meaning* (Sebba, 2007, p. 34)”, ou seja, zona de significação social, por via da aceitação, rejeição, debate e possível consenso. A ortografia, desta forma não é uma arquitectura neutra, isolada, inflexível e distante das outras esferas que predominam nos estudos (sócio)linguísticos e culturais.

A intimidade aqui enfatizada, entre ortografia e seus utentes exige que, comissões e peritos envolvidos em debates grafo-reformistas sejam representantes da comunidade falante, e que nunca reformulem o padrão ortográfico unilateralmente ou num contexto de imposição colonialista, ou o contrário poderá propiciar o fracasso do projecto. É uma esfera transdisciplinar, centrada no *anthropos* (ser humano) enquanto em suas façanhas.

4. Arbitrariedades ortográficas em xichangana

Conjugadas à abordagem metodológica que é esclarecida a seguir, serão arroladas algumas ocorrências de escritas ortograficamente problemáticas.

4.1. Aspectos metodológicos

Conforme a menção já feita acima, a abordagem adotada para ter acesso aos dados foi a n/etnografia (Corrêa & Rozados, 2017), tendo se recorrido à observação e auscultação recorrente, fotografagem, *screenshooting*, bem como acesso a conteúdo virtual do *cyberscape*, com mais-valia da experiência própria de observação e participação activa em interações em comunidades virtuais do

WhatsApp de falantes changanas. Assim, foram recolhidas escritas e letreiros que coabitam espaços ou suportes linguísticos de índole diversificada, compreendendo placas publicitárias, murais, cartazes, *backbuses*, telas eletrônicas, portões de residências, entradas de estabelecimentos (comerciais, de restauração, etc.), ou mesmo junto com os logos grudados em forros de produtos.

De seguida, frases, expressões isoladas, palavras isoladas incluindo nomes próprios, foram atentamente analisados com recurso ao processo de *coding* (codificação). Em semiótica o código é ligado à interpretação de símbolos em seu contexto sócio-cultural específico, e (que pode culminar com identificação de estruturas, categorização, formulação de teoria entre outros processos analíticos (Saldaña, 2013, p. 4). Sendo uma pesquisa qualitativa assente na teoria fundada em dados, então, a partir dos próprios dados foram efectuadas relações comparativas possíveis buscando-se descortinar o que está a acontecer (Corbin, 2016, p. 26) em torno das ocorrências de escritas arbitrárias em coerção com os seus escreventes (Sebba, 2007), conforme os objetivos acima arrolados.

4.2. Classificação de ocorrências semiótico-tipográficas

Dentre outras categorizações existentes, a prior privilegia-se a de Peter Backhaus (2007), o qual sugere quatro tipos de discursos em espaços urbanos: a) discursos municipais regulatórios, b) discursos municipais infraestruturais, c) discursos comerciais e d) discursos transgressivos (Backhaus, 2007, p. 36). Tomando esta e outras categorizações como base, procurou-se não o querer lograr um número demasiado robusto, quantitativamente recorde ou estrondoso de ocorrências semióticas em geral, nem uma estratificação exaustiva das ocorrências (que deveras sobejam na paisagem grafolinguística alvo), mas sim buscou-se seleccionar uma diversidade suficiente de escritas problemáticas ou errôneas em xichangana no espaço público-tipográfico urbano (incluindo o ciber-linguístico adjacente), que permite perceber a origem, a natureza, a lógica e os problemas ou questões que jazem por detrás, por dentro e para além da arbitrariedade ortográfica em si e como acção humana.

Portanto, no quadro que se segue, o leitor encontrará escritas que conservam a grafia de seus escreventes. São ocorrências pertencentes cada uma: i) a contextos que podem variar do mais formal ao menos formal; ii) a ambas ou a uma das duas naturezas espaciais da escrita (*offline* ou *online*); iii) a um certo tipo de suporte da escrita, que pode ser fixo, móvel ou multi-mediático; iv) a uma certa durabilidade, que parte de escritas mais duradoiras e quiçá, arquitetónicas às menos duradoiras. Isto dita a classificação das ocorrências em virtuais, comerciais, mistas, acidentais, perenes, móveis, televisivas entre outras.

Quadro 1. Sobre classificação de algumas ocorrências de arbitrariedades ortográficas

Ocorrências virtuais (*WhatsApp*)

Transcrição A: "...hikenssile...";

Transcrição B: "...unga hi tingue..."; "... xitique ...".

Transcrição C: "...nzta maha kuraza cajehova ...".

Transcrição D: "...whaguiwa ...".

Transcrição E: "...nhikela ...".

Ocorrências em escritas comerciais

Transcrições F: "tiva taco"; "tivha taku"; "xirrame".

Transcrição G: "barraca massakene";

Ocorrências mistas (comerciais, normativas e móveis)

Transcrição H: "Matibwana/ Matibjana"

Transcrição I: "Chamissava"

Transcrição J: "Matlemele"

Transcrição K: "Mathlemele"

Ocorrências acidentais móveis

Transcrição L: "...swa tsetsissa"

Transcrição M: "yehova wa hanha"

Transcrição N: "hossi ya muganga"

Transcrições O: "tsemba yesu; kassi u tchava yine"

Ocorrências em telas televisivas

Transcrições P: "canhu/ ucanhi"; "txeneca"

Transcrição Q: "Kanimambo/ Khanimambo"

(...)

Fonte: Colecção pelo autor

Como é de notar, o quadro ilustra a tipologia de ocorrências, as quais detêm realizações gráficas de seus escreventes, com variado grau de arbitrariedades, podendo a mesma palavra tomar realizações gráficas díspares. Portanto, são escritas que divergem do padrão ortográfico do Xichangana que é sugerido em referências e fontes oficiais, alguns referenciados ao longo desta reflexão. A respeito destas ocorrências, mais detalhes constam a seguir.

4.3. Breve descrição das ocorrências arbitrárias em Xichangana

Não sendo o objectivo focal a descrição em si, há que referir que detalhes de problemas ortográficos das ocorrências alistadas e de muitas outras, constam em estudos como Timbane (2012), Saguata (2017), Mazivile (2022) e em outros já levados a cabo.

a) **Arbitrariedade em grafias acidentais virtuais:** foram alocadas a esta categoria produções de palavras presentes em mensagens relativamente curtas escritas entre internautas. Seu suporte são as plataformas virtuais tais

como *WhatsApp*, *Facebook* entre outras. Estão reflectidas nas transcrições A, B, C, D, E. Sem pretensão de ser exaustivo, estudos já feitos mostram que existe uma tendência acrítica perante grafia anormal em que, casos como estes, não constituem maior preocupação para muitas pessoas em suas interações tanto *online* como não. No que tange especificamente à ortografia, é notável, por exemplo, na transcrição A (...*hikenssile*...) a intromissão da regra de duplicação do grafema <s> trazida erroneamente do português para xichangana, quando nas LBMs tem sempre o mesmo valor fônico seja qual for a letra que o antecede ou segue (Ngunga & Faquir, 2014; Siteo, 2021). Nota-se também o uso do grafema <c> na transcrição C (“... *cajehova*...”) quando deve ser usado o grafema <k>, uma vez que, nas LBMs o grafema <c> “representa um som que se reconhece em “tia” no português do Brasil (Siteo, 2021, pp. 15-16)”.

b) **Arbitrariedades em letreiramentos comerciais:** ocorrências deste género em xichangana na paisagem tipográfica urbana em apreço apenas foram notórias em suportes fixos, em paredes frontais de lojecas, e inserem-se no sector comercial na esfera de economia e relações interpessoais da globalização, o que já na década de 2000 era designado “publicidade além do estado” por John B. Thompson (2002, p. 206). Estão reflectidas em F e G, onde em F (*tiva taco; tivha taku*) ocorre, entre outros erros, o uso errôneo do grafema <c> sob a grafia da língua portuguesa (LP) em mesmos moldes já apresentados acima.

c) **Baralho em escritos ou tipografias mistas:** são predominantemente presentes em transportes que circulam nas rodovias da cidade de Maputo, Matola e não só. A classificação como “mistas” deve-se ao facto de serem, simultaneamente, comerciais, normativas e móveis. Para Priscila Lena Farias (2016), uma tipografia comercial informal refere a “escritos executados por pessoas comuns (Farias, 2016, p.147)”, visando principalmente fins lucrativos, em contraste com tipografias normativas, que são inscrições que figuram sistemas reguladores e informativos do tráfego urbano. São tipografias móveis – inscrições com característica comum de mobilidade de seu suporte, ou com mensagens dinâmicas, como por exemplo, telas luminosas, ritmadas e previsíveis, (faixa de autocarro, automóveis, etc.) até as mais aleatórias (inscrições em camisetas, em cartazes, etc.) (*idem*, pp. 144-148). São exemplos de escritos ou tipografias mistas as faixas de rotas em *buckbuses* de transportes urbanos da região do Grande Maputo, dentre os quais foram colectados os casos de baralhos gráficos das transcrições H, I, J, K, que coincidentemente são topónimos e se enquadram no campo gráfico-onomástico havendo, em muitos casos, discrepância ou divergência gráfica, para a mesma palavra em automóveis diferentes.

d) **Baralho em escritas acidentais móveis:** tipografia “acidental” refere às inscrições não oficiais ou não autorizadas, “sem ligação prevista com o seu suporte (Farias, 2016, p. 148)” como por exemplo, letreiros ou um mural em um edifício, não antes oficialmente planificados. No caso aqui em apreço, sem ênfase na arte (*design*) trata-se de escritos em xichangana com finalidade ao critério do proprietário do veículo-suporte (*buckbuses*) em que elas figuram. É o caso dos exemplos L, M, N, O. A pautar pelo guia ortográfico de Siteo (2021),

estes quatro casos problemáticos, respectivamente, estariam assim: “*sva tsetsisa*”, “*Yehova wa hanya*”, “*hosi ya muganga*”, “*tshemba yesu*”, “*kasi...*”. Porém, há que notar a popularização da forma “*swa*” do que a proposta “*sva*”.

e) **Arbitrariedades em telas televisivas:** estes erros podem ser locais (quando se trata de falha do técnico redactor local) ou transmidiáticos (quando são importados transmidialmente com o erro, como acontece quando faixas videofônicas são simplesmente repassadas em televisão já trazendo erros na letra). A incerteza gráfica presente na transcrição P: nomeadamente “*canhu/ucanhi*”, “*txeneça*” foi fotografada em tela televisiva. Foi evitado trazer aqui inúmeros casos de títulos musicais da praça.

f) **Arbitrariedade ortográfica de conteúdo religioso em contexto ciber-comunicacional:** a igreja foi a instituição social ou o canal de realce pelo qual chegou a escrita. No entanto, aqui também, sem necessariamente expor exemplos concretos, tem sido notória a discrepância ortográfica em produções de textos de cânticos, entre outros textos em xichangana e em outras LBM, o que revela a inexistência de aplicação ortográfica consensual sólida, embora o já existente repositório grafolinguístico religioso deveras notabiliza um louvável esforço de endogeneização da mensagem textual evangélica. Com a proliferação de itens e serviços digitais, o conteúdo físico-textual de peregrinações, vigílias, cultos, matrimônios, etc., transmidialmente transita ao vasto panorama da teia virtual ostentando discrepâncias ortográficas consideráveis.

g) **Arbitrariedades grafolinguísticas em diversos espaços multimidiáticos:** esta categoria recai aos inúmeros casos de escrita errônea que ocorrem e circulam em espaços múltiplos, tais como telas em programas televisivos, telas luminosas publicitárias em vias públicas, em capas de CDs, em forros, em páginas da *web*, etc. em xichangana.

5. Da ortografia da língua xichangana para mais além: aspectos emergentes

Muitas vezes é realmente difícil captar o significado da linguagem, seja ela sígnica, ou em palavras tanto faladas como escritas. Esta dificuldade acabou merecendo detalhamento labiríntico-maiêutico pelo filósofo lógico-matemático e linguista Ludwig Wittgenstein em sua obra intitulada “*Philosophical investigations*” (1953), enfatizando que as regras, o contexto ou o modo (jogo linguístico - *language game*) como uma palavra é usada importa mais do que seu mero sentido isolado que, muitas vezes, aparece vago, ambíguo e impreciso.

No entanto, ao tomar a escrita como práxis, e como socioculturalmente situável (Sebba, 2007; Honkanen, 2023), ou como discurso textual em contexto social (Fairclough, 2006), o estudo avantajou-se da possibilidade de colocar frente-a-frente, em palco de acontecimentos, as ortografias e o agir dos seus escreventes, o que permite extrair o sentido ou mensagem de fundo nesse frente-a-frente com os escreventes em plena *performance*. Bem assim permite igualmente desvendar realidades ocultas, vozes, vocabulários de paz interior ou

turbilhão de dissabores, desespero ou guerras retesadas por dentro de sujeitos escreventes. Alguns destes sentidos emergentes constam a seguir.

a) Nível de domínio ortográfico: ocorrências de palavras em xichangana, na paisagem linguística em estudo, raramente apresentam correcção ortográfica se se tomar como base o guia ortográfico desta língua. Nelas consta uma manipulação ortográfica não sempre propositada, mas mais ditada pelo fraco domínio ortográfico. O facto de esta língua bem como todas as LBMs não estarem ainda largamente incluídas no Sistema Nacional de Educação em vigência concorre em grande medida para o maior desconhecimento da sua ortografia, daí que, tentativas sob a via sub-lexical e sob o princípio fonológico-ortográfico do português é, muitas vezes, a alternativa disponível, numa situação de *biased graphotactics*.

b) Sua posição hierárquica na paisagem multilíngue: a língua xichangana ainda consegue resistir à diglossia desequilibrada em que ela e as outras LBMs se encontram em relação ao prestigiado português, inglês e mais. O uso da língua inglesa (junto com o português), é também onipresente, superabundando em publicidades e notas instrutivas, e em rótulos de manufacturação. A língua xichangana tem logrado aceitação, quebrando a barreira desta exclusão, notando-se que, em aglomerados, frequente e naturalmente os interactantes irrompem translinguajadamente a usarem-na.

Apesar da limitação ortográfica, chegam a buscar mecanismos de usá-la na escrita recorrendo, cada escrevente, à sua destreza ortográfica ao seu jeito e sob estratégias ortográficas ao seu dispor (em parâmetros já supraditos). Por conta desta situação, mesmo com essa resistência, o xichangana ostenta uma presença de desvantagem, de marginalização e desmoraonamento na matriz de coexistência linguística. Isso confirma o futuro declínio massivo (juntamente com outras LBMs), previsto por alguns linguistas, estando dentre eles, Herman Batibo (2005).

Na paisagem tipográfica urbana não consta uma tipografia arquitetónica oficial sequer e, portanto, duradoura ou perene em xichangana. Ainda assim, esta língua sobressai em escritas muitas vezes amadoras de vendedores informais em espaços públicos, e em suportes improvisados nas lojecas de vária natureza, sob criatividade e fins privados dos respectivos proprietários, tal como nas ocorrências *tiva taço*; *tivha taku*.

A já aludida ocorrência *maxaca* (significando “familiares”, remetendo a “meus parentes, amigos, achegados”) é outro exemplo. Aqui o escrevente rebuscou a língua com que se identifica para estampar letreiro no seu veículo. No letreiro (*maxaca*) pode se perceber o sentido de pertença e saudosismo da afro-moçambicanidade cuja cultura se assenta(va) e se enraíza(va) nos laços de parentesco alargados, na irmandade sem fronteiras, no convívio genuíno, na coesão, na partilha, entre outros valores axiológicos afro-moçambicanos (Ngoenha, 1994) ora mesclados e esvanecendo sob marginalização da língua xichangana. As nossas línguas carregam valores endógenos – todo um tesouro axiológico ingénito – mas por ausência de respostas justas, tudo está encurralado ao contexto social informal, condenado a ficar moribundo, e a vegetar no âmago da História.

c) Frequência de uso na modalidade escrita: a quantificação comparativa entre xichangana e outras línguas na paisagem tipográfica não foi o objetivo do

estudo. Ainda assim, como já foi aludido, fraca presença desta língua foi notória, logo ao primeiro relance focalizado em cartazes publicitários improvisados por vendedores perfilados em passeios, e mesmo em outros contextos. Pois, se notabilizaram letrados mais em português. Porém, ainda que a língua xichangana seja menos usada na paisagem tipográfica *off-line*, procura predominar na escrita em interações informais virtuais, bastando tratar-se de interactantes falantes da mesma, sobretudo como alternância ou mescla com português.

d) Conteúdo predominante por detrás das escritas arbitrárias: na faceta *offline* observável na paisagem tipográfica, sobressaem dois tipos de conteúdo:

i) *nomes ou substantivos* - na maioria das ocorrências referenciam lugares ou bairros (como é o caso do topônimo *Matibwana/ Matibjana*) e coisas (*xitique, xirrame*).

ii) *expressões de estados/ sentimentos*, de vária ordem - a ortografia esconde ou carrega consigo elementos ocultos desde os mais simples até mesmo os de posicionamento político, ideológico, religioso. Na tipografia, *xirrame* (frio), por exemplo, está patente a lamentação dos sujeitos transportadores (vulgarmente chamados “chapeiros”), uma vez que devem aguentar o jugo de se exporem todas as manhãs, tardes e noites, seja com intempéries ou mesmo no clímax do inverno ou verão, a correrem atrás do sustento de suas famílias.

A escrita “*kassi u tchava yini*”, traduzindo-se “de quê tu tens medo?”, é instância inicial até certa medida premonitória de posicionamento radical qualquer, de revolta ou afronta. Constan também escritas que exprimem esforço, batalha pela vida, encorajamento, ódio, indignação (*sva tsetsisa...*), parentesco e sociabilidade (*maxaca*), exibição, sucesso, fé e esperança (*yehova wa hanya*), etc..

e) Por fim, sobressai o facto de a escrita (não só de xichangana) estar presentemente passando a ser serviçal de práticas duma mentalidade sócio-humano-existencial de (con-)vivência e projecção pós-padronizada, que trivializam a correcção ortográfica e qualquer priorização do padrão ortográfico. É uma escrita regida pela meganarrativa pós-modernista de supremacia do utilitarismo, de orientação social consumista (em que o “sacro e venerável” não é mais a norma/padrão nem mais os valores da ontologia e axiologia pré-renascentista, mas sim o útil e o lucrativo que garantem o sucesso e realização prazerosa do ego). Isso está mergulhando o sul global numa azáfama azoadada e escandalosamente desigualitarista, pois nessa competição em ambiente *hobbesiano*, salva-se apenas quem puder, sendo a língua uma das armas de pugna, usada como bem se queira e se julgue.

6. Síntese e notas recomendatórias

O estudo entranhou numa sociolinguística de escrita e de terreno, tendo explorado apenas algumas produções sócio-discursivas e textuais na paisagem linguística urbana, incluindo o nexos *online-e-offline*, para aceder à escrita da língua xichangana. Ficou visível que a ortografia não se isola de outras disciplinas humano-existenciais que têm sido mais privilegiadas em estudos linguísticos, tais como a Antropologia, a História, a Etnografia, Sociologia, Psicolinguística, etc., nem das dinâmicas linguístico-comunicacionais, sócio-

económicas e axiológicas impostas pela globalização tecnologizada e pelo paradigma digital. A ortografia não se isola do nível de desenvolvimento, do contexto de aplicação, e dos sujeitos. O estudo notou que a língua xichangana (e todas as LBM's) estão imersas num vórtice de comportamentos interactivos-ortográficos da narrativa global que tende a reprimir a norma. No caso do contexto alvo, isso cruza-se com mazelas de pobreza e de luta dos escreventes, delineando uma heteroglossia de resistência e de sobrevivência.

O estudo apontou que o êxodo rural e outras formas crescentes de mobilidade demográfica da presente era desterritorializada, empurram falantes (e/ou escreventes) a alinharem à situação de sobrepovoamentos urbanos corporizando uma superdiversidade *pauperitatis* (de pobreza), com paralela sociolinguagem de sobrevivência, e notória adopção do comércio informal e mendicidade como recursos à disposição.

Esta triste imagem só melhoraria se se instaurasse um equilíbrio entre política, sociedade (moçambicana), ética governativa, cidadania, cultura, economia, planificação encadeada do desenvolvimento, política empregatícia de massas, etc., numa cadeia que estivesse de mãos dadas com as políticas educativas e de ensino de línguas. Faltando esse equilíbrio, então na paisagem tipográfica urbana reflecte-se uma afro-moçambicanidade carente, decadente e substituída por orientações agressivas, individualistas, belicistas.

O problemático cenário linguístico-ortográfico não se dissocia da histórica “intriga-mãe” que ainda está energeticamente ateadada, eclodida no encontro histórico do ocidente com África há cerca de 500 anos atrás, que deu lugar a uma constelação abissal, binarista (Santos, 2009, p. 24), de supressão de alteridades linguístico-civilizacionais, o que hoje se desdobra num pensamento antropocénico violento e, esvaziado da Antropologia e da cultura, e que deu lugar a “uma história ambígua acerca da qual ninguém sabe hoje qual será o desfecho da intriga (Ngoenha, 1994, p. 117)”. Realmente, hoje a sociedade humana, quanto mais possui recursos de produção e de exploração epistémico-material, paradoxalmente mais se vê em apuros, debatendo-se com terrorismo linguístico, cibernético, tecnológico, económico, ecossistémico (ambiental), axiológico, entre outros terrores que semeiam incertezas e insegurança humanitária-existencial.

Estes terrorismos são maturações de perpetuadas colonialidades há muito denunciadas por Anibal Quijano (1992). Esta lista de colonialidades (que também já são auto-alienações) desdobradas em terrores existenciais supracitados, já não cede espaço para diálogo coerente, para partilha, irmandade, nem para consolidação e celebração locaglobal do progresso, senão o retrocesso homicida a minar esse progresso. Os pensadores supramencionados, dentre outros, vaticinaram a actual socio-linguagem de ausências, a socio-comunicação de identidades e vozes marginalizadas, famélicas, desempregadas e sem tecto condigno, que perfazem a maioria dos moçambicanos, tal como este estudo procurou ilustrar, e por muitos cidadãos do sul global.

Desde a década das independências, aqueles e outros pensadores têm condenado a procrastinação de desarticulações e disfuncionalidades intersectoriais (incluindo políticas linguístico-educacionais) desde projectos nacionalistas pós-independentistas, facto que hoje é confirmado pelo renque de

Moçambique em níveis desfavoráveis. O país vem figurando, em anos consecutivos, entre os países com Índice de Desenvolvimento Humano dos mais baixos a agudizar-se (UNDP, 2020; UNDP, 2021-22), e ostentando índices deploráveis de Percepção de Corrupção (por exemplo, com 25 pontos em 2023 na escala de 0 a 100), quase entre as democracias mais corruptas segundo a Transparency International (2023, p. 5) e segundo os alertas do Centro de Integridade Pública. Este é um retrato cada vez mais de duvidar sobre a possível materialização futura da utopia de granjear estabilidade económica, desenvolvimento e autonomia nacional, e sobretudo de investir na preservação do legado linguístico-cultural.

Linguistas junto com pensadores (alguns já aqui citados) e activistas moçambicanos e internacionais de direitos humano-linguísticos, têm estado a insistir na necessidade de inclusão de línguas locais marginalizadas no currículo, visto que o ensino bilíngue ainda está num estágio muito deficitário. E, uma das soluções seria a produção de instrumentos legais de implementação gradual de signos bilíngues, trilingues, conforme a conveniência, nos espaços públicos de referência (aeroportos, portos, escolas, mercados ...) com gestão policêntrica, a qual consideraria cartografias linguísticas aproximativas, devido aos complexos casos de sobreposição ou de *continuum* confuso entre LBMs. Uma iniciativa sob o lema “uma escola uma mini-carpintaria” e com recrutamento empregatício baseado na língua falada localmente, seria um bom início.

Resultados de estudos de paisagem linguístico-ortográficas seriam inclusos no currículo para uso pedagógico, como forma de conscientização dos educandos e de orientação desenvolvimentista nacional. Desta forma os educandos poderiam enquadrar-se na construção de sua identidade, herdariam e lograriam consolidar valores existenciais ou ontológico-epistemológicos do Antropoceno do passado, da sua geração e preparando a geração vindoura, de forma colectiva, ética e harmoniosamente negociada. Excluir as LBMs no ensino, no recrutamento empregatício e em eventos formais significa decepar a afro-moçambicanidade e uma total desorientação futurística. Verdadeira soberania, desenvolvimento, autonomia devem tomar como arma uma educação sólida em línguas, cultura e valores locais. A análise de arbitrariedades ortográficas em xichangana, remete à necessidade do paradigma local ter que anteceder a integração em paradigmas exógenos.

O verdadeiro desenvolvimento deve assentar na cultura, que se revela e jaz sobremaneira nas LBMs. Problemas linguísticos tangem questões económicas endógenas. Significa que urge um debate de planificação, implementação, gestão multisectoriais assentes em valores linguístico-culturais de: bravura, boa vontade, honestidade, transparência, união patriótica e em bases endógenas de articulação de toda a cadeia da máquina funcional nacional. Escassez de fundos monetários requer estratégia de aplicação de *know-how* local e uma plataforma local em face aos recursos locais, tudo assente na ética Afro-moçambicana. Um passo sabiamente ousado de investimento nesse sentido e a partir das vantagens de múltiplos recursos disponíveis, levaria Moçambique rumo a uma estabilidade linguístico-identitária, económica, epistemológica (tecno-científica), religiosa, etc., e a uma coexistência de co-construção e celebração transnacional (com outros povos e nações). De contrário, com a perene dependência já se presencia a iminência de uma

irreparável rotura linguístico-identitária, e económica inter-geracional com a afro-moçambicanidade *sui generis* que adviria das civilizações dos reinos e impérios afro-moçambicanos pré-coloniais.

Questões ortográficas e de literacia da língua xichangana (que obviamente incluem LBM), são transdisciplinares e de inesgotável economia. Trata-se de acesas lutas pela sobrevivência, mágoas, pranto e plangor de esvaziamento antropológico do grosso de gente em Moçambique e no sul global. Por conseguinte, o debate permanece aberto.

Referências

- ADAMS, Debra. **A dialogue of forms: letters and digital font design**. 1986. 138 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Massachusetts Institute of Technology: Cambridge, 1986.
- BACKHAUS, Peter. **Linguistic Landscapes: A Comparative Study of Urban Multilingualism in Tokyo**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.
- BATIBO, Herman M. **Language decline and death in Africa: causes, consequences and challenges**. Bristol; Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2005.
- BLOMMAERT, Jan. **Discourse: a critical introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CHAMBO, Gervásio; CHIMBUTANE, Feliciano; GARCÍA-MIGUEL, José M.; RAMALLO, Fernando; RODRÍGUEZ BARCIA, Susana. **Vujondzisi hi tindzimi timbirhi tikweni la Musambiki: xivaningelo xa vujondzisi**. Vigo: Universidade de Vigo, 2020.
- CHERNYAVSKAYA, Valeria E. Typographic landscape in urban space: a sociolinguistic approach. **Slovo.ru: Baltic accent**, Kaliningrado, vol. 13, nº. 4, p. 71-84, 2022.
- COCQ, Coppélie *et al.* Developing methods for the study of linguistic landscapes in sparsely populated areas. **GERUM Geografisk Arbetsrapport**. Umeå: Umeå universitet, 2020.
- CORBIN, Juliet. La investigación en la teoría fundamentada como un medio para generar conocimiento profesional. In: CALVA, Silvia Bénard (Coord.). **La teoría fundamentada: una metodología cualitativa**. Aguascalientes: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2016.
- CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, vol. 22, nº. 49, p. 1-18, 2017.
- DUBOC, Ana Paula Martinez; FORTES, Olívia Bueno Silva. Superdiversity, language and society: issues on the move. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, vol. 45, e201945002004, 2019.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 2006.
- FARIAS, Priscila Lena. **Estudos sobre tipografia: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas**. 2016. 138 f. Tese (Livro-Docência em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GELB, Ignace J. **A study of writing**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1963.

- HONKANEN, Minna. Orthography and the sociolinguistics of writing. **Oxford Research Encyclopedias - Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2023.
- JUFFERMANS, Kasper; ASFAHA, Yonas Mesfun; ABDELHAY, Ashraf (eds.). **African literacies: ideologies, scripts, education**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014.
- LOPES, Priscilla Gonçalves; GONÇALVES, Berenice Santos. A mancha gráfica como paisagem. In: Congresso brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em design, 8., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil, 2008.
- MAZIVILE, Francisco Bernardo. O latente conflito ortográfico entre o português e o xichangana: desafios linguístico-pedagógicos. **LínguaTec**, Brasília, vol. 7, nº. 1, p. 1-21, 2022.
- MELETIS, D. The Nature of Writing. In **A Theory of Grapholinguistics**. (Grapholinguistics and Its Applications, Vol. 3). Brest: Fluxus Editions, 2020.
- NEEF, Martin. Writing systems as modular objects: proposals for theory design in grapholinguistics. **Open Linguistics**, [S.l.], vol. 1, nº. 1, p. 708-721, 2015.
- NGOENHA, S. **O retorno do bom Selvagem**. Porto: Edições Salesianas, 1994.
- NGUNGA, A. & FAQUIR, O. **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário**, Maputo: CEA - UEM, 2012.
- PESCH, Anja Maria. Semiotic landscapes as constructions of multilingualism – a case study of two kindergartens. **European early childhood education research journal**, Abingdon: Routledge, Vol. 29, nº. 3. 2021, p363-380.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, vol. 13, nº. 29, p. 11-20, 1992.
- SAGUATE, Artinésio Widnesse. **O Português Makhuwa: representação escrita e proposta de exercícios didáticos no ensino bilíngue**. 2017. 276 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SALDAÑA, Johnny. **The Coding manual for qualitative researchers**. Los Angeles: Sage Publications, 2nd Edition, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.
- SEBBA, Mark. **Spelling and society: the culture and politics of orthography around the world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SITOE, Bento. Padronização e harmonização da ortografia de línguas moçambicanas. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, São Francisco do Conde (BA), vol. 1, nº. 1, p. 09-24, jan./jun. 2021.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria da mídia**. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- TIMBANE, Alexandre António. Os empréstimos do português e do inglês na língua xichangana em Moçambique. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão-GO, vol. 16, nº. 2, p. 29-55, jul./dez. 2012.
- TRANSPARENCY INTERNATIONAL. **Corruption Perceptions Index 2023**. Berlin: Transparency International, 2024.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). **Human Development Report 2020: The next frontier Human development and the Anthropocene**, New York: UNDP, 2020.

_____. **Human Development Report 2021/22: Uncertain Times, Unsettled Lives - Shaping Our Future in a Transforming World**. New York: UNDP, 2022.

WACHENDORFF, Irmi. Typographetics of urban spaces: the indication of discourse types and genres through letterforms and their materiality in multilingual urban spaces. In: HARALAMBOUS, Yannis (ed.). **Grapholinguistics in the 21st Century: Proceedings**. Brest: Fluxus Editions, 2021. p. 361-415.

WEI, Li. Translanguaging as a practical theory of language. **Applied Linguistics**, Oxford: Oxford University Press, vol. 39, nº. 1, p. 9-30, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. Tradução de G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1953.

Galeria com algumas ocorrências errôneas



txeneca



... cajehova ...



canhu (ucanhi)



hikenssile



kassi u tchava yine?



macague



Swa tsetsissa



makagui



tsemba yesu



nhelete



Matibwana



Chamissava



hossi ya muganga



nhikela ...whaguiwa



Mathlemele

Para citar este artigo: MAZIVILE, Francisco Bernardo. Arbitrariedades ortográficas em xichangana. **AXÉUNILAB**: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.54-72, jan./jun.2025. (Editores: Abias Alberto Catito - UEFS & Maurício Bernardo UEFS
** Coordenação: Alexandre António Timbane).

Francisco Bernardo Mazivile, foi integrante do Programa Erasmus+ (2023-2024), doutorando e pesquisador visitante da Universidad Complutense de Madrid, Pesquisador e doutorando em Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino de Língua Inglesa, docente de Língua Inglesa e Filosofia. Universidade Pedagógica de Maputo. E-mail: fbmazivile@gmail.com